

RESENHA DO LIVRO ARQUIVOS LITERÁRIOS

Ana Elisa Ribeiro¹
Doutora em Linguística Aplicada
(anadigital@gmail.com)

A existência dos arquivos literários é relativamente recente no Brasil, do que decorre que a pesquisa em fontes primárias organizadas em acervos de escritores seja também uma possibilidade jovem entre nós. Segundo o professor Reinaldo Martiniano Marques, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, o primeiro arquivo ligado à memória de escritores no país foi o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), fundado por Sérgio Buarque de Holanda em 1962. Alguns outros, tão importantes quanto este, foram criados nas décadas seguintes, incluindo-se, em 1989, o Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, iniciado com os fundos documentais de Henriqueta Lisboa. Apenas com esse vago panorama, entre fundações e execuções, conceitualmente próximos ou distantes, é possível vislumbrar o tema geral do recém-lançado livro **Arquivos Literários**, Teorias, histórias, desafios, de autoria do professor Reinaldo Marques, e publicado em 2015 pela editora da UFMG.

Trata-se de uma obra que reúne nove ensaios, além da Apresentação e das notas finais, em 227 páginas de escritos que antes se encontravam esparsamente publicados como capítulos de livros organizados, anais de eventos ou em revistas acadêmicas. A compilação de todos esses textos torna muito mais fácil ao leitor acessar as inestimáveis reflexões de Marques sobre as relações entre a formação de arquivos literários e a história cultural brasileira, além da vinculação especialmente notável entre esses acervos-museus e as universidades que os abrigam em nosso país.

Uma das discussões mais caras ao autor da obra é a relação entre público e privado intrínseca à existência de acervos de escritores. As mudanças e intencionalidades que afetam o acervo do escritor quando ele se transforma em um

¹ Esta resenha resulta da pesquisa de pós-doutorado da autora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, no Acervo de Escritores Mineiros, sob a supervisão da professora Constância Lima Duarte. Agradeço ao CEFET-MG a licença total que me permitiu a imersão no Acervo.

acervo literário, isto é, passa do âmbito da casa ao espaço público da universidade ou de outra instituição que o guarde, exponha, organize e disponibilize, são abordadas em profundidade, especialmente no segundo capítulo do livro. Além dessa questão macro, outras vêm à tona, como o direito autoral e nossa atual legislação sobre o tema.

A grande experiência de Reinaldo Marques como um dos responsáveis pelo Acervo de Escritores Mineiros e como membro de uma comissão preocupada com os acervos gerais da UFMG torna-o capaz de levantar questões que vão do conceito de “arquivo literário”, em contraposição à ideia de “arquivo de escritor”, com suas “reterritorializações”, até o mínimo detalhe do projeto cenográfico necessário à existência espacial de um acervo aberto ao público. Não se trata, portanto, de um arquivo qualquer ou de um arquivo linearmente construído, mas de um híbrido de museu, acervo e biblioteca, incluindo “restos” inomináveis, tais como objetos colecionados pelo escritor, quadros, máquinas de escrever, mobiliário, etc. Em todos esses elementos, é possível tentar capturar uma narrativa, sob ângulos diversos.

A transdisciplinaridade é outra questão relevante apontada por Marques nesta obra, e até mesmo defendida por ele. A existência de acervos e arquivos de escritores e a possibilidade de pesquisar documentos aí resguardados (e reorganizados) é um convite ao diálogo entre áreas tão diversas quanto a arquivologia, a ciência da informação, a biblioteconomia, a computação, a história, a literatura, a sociologia e mesmo uma que ele não menciona, mas que nos parece clara: a edição ou a produção editorial.

Não poderia faltar, em uma obra como esta, o dado empírico, isto é, trechos de correspondências entre escritores que nos ajudam a compreender, a revelar ou a criar narrativas sobre questões ligadas ao campo literário, em suas relações profissionais, de afeto ou de política cultural. O sétimo capítulo da obra, por exemplo, intitulado “Locações tardias do moderno – A correspondência entre Abgar Renault e Carlos Drummond de Andrade”, expõe trechos de cartas dos amigos mineiros, revelando suas manias de arquivistas, compondo seus acervos e construindo suas imagens como escritores, para muito além da expressão de uma amizade entre expoentes de nossas letras. Em outros capítulos, Reinaldo Marques também nos acalenta com esses trechos que aguçam a curiosidade do pesquisador ávido por qualquer aspecto de nossa história artística.

Apenas para oferecer uma panorâmica mais apropriada do livro **Arquivos Literários**, ora resenhado, são títulos de seus capítulos: “Arquivos literários e reinvenção da literatura comparada”, “Arquivos literários, entre o público e o privado”, “O arquivo literário e as imagens do escritor”, “O que resta nos arquivos literários”, “Grafias de coisas, grafias de vidas”, “Memória literária arquivada”, “Locações tardias do moderno”, “O arquivamento do escritor” e “Acervos literários e imaginação histórica”, sendo este último o mais reivindicador do necessário “trânsito entre os saberes” na pesquisa em acervos literários.

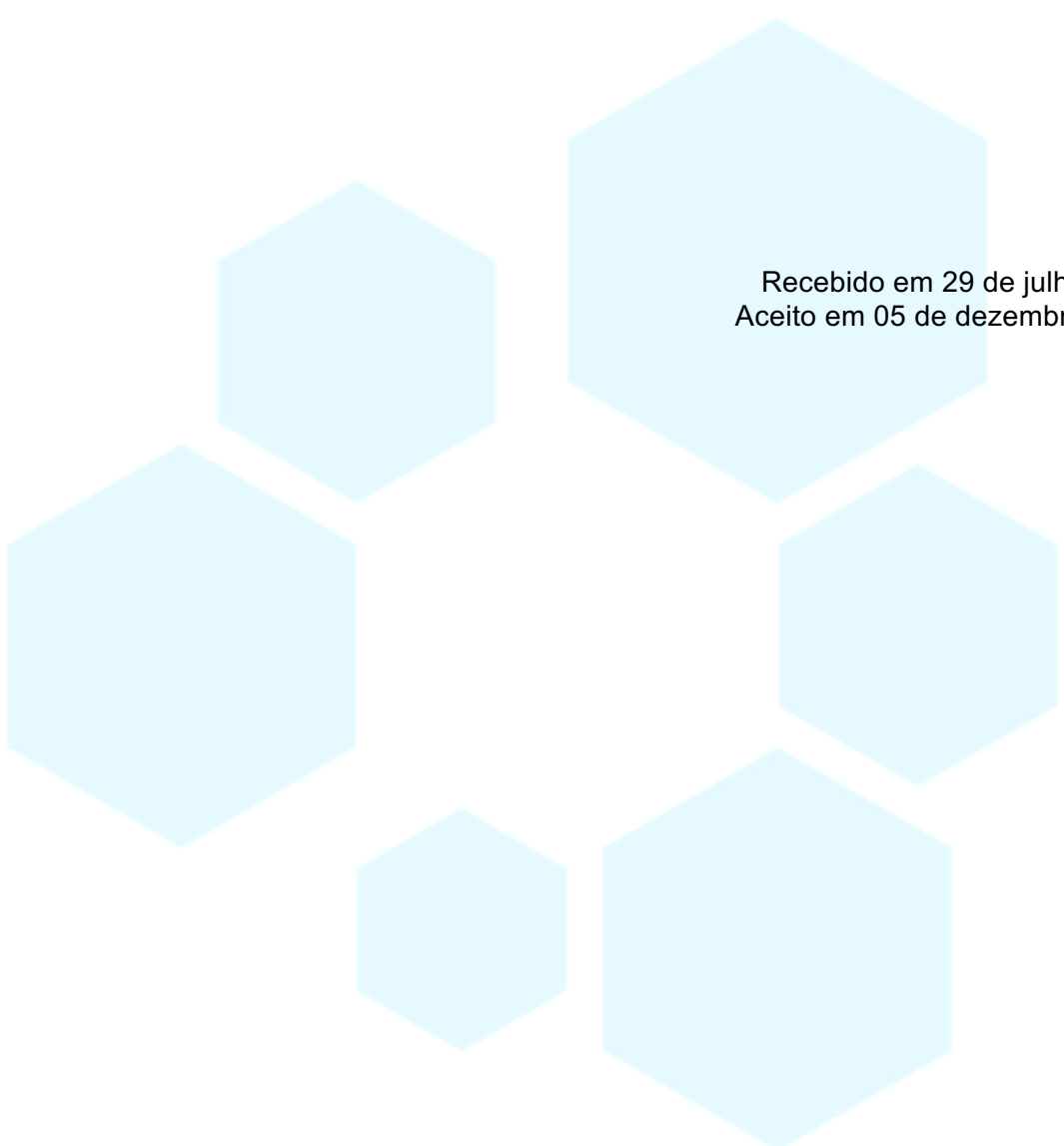
Dono de uma escrita fluida, quase poética, Reinaldo Marques reúne suas reflexões em textos nada herméticos, o que é coerente com sua vontade de abertura, diálogo e mesmo sedução dos interessados pela pesquisa em fontes primárias, especialmente nestas que ele tão bem apresenta nesta obra.

Além da importância do tema de **Arquivos Literários** para os estudos acadêmicos e para a cultura do país, um livro como este é contribuição evidente, tanto em termos teóricos quanto práticos, à bibliografia ainda em construção sobre temas inter-relacionados, especialmente no Brasil. Consideramos de suma importância destacar que ao arquivamento do escritor corresponde o anarquivamento de muitos outros (e especialmente o das escritoras), o que seria uma história à parte.

Segundo Marques, a literatura tem relação direta com a formação do Estado, assim como com a identidade da Nação. Nesta obra, em muitos momentos, a História se confunde com a vida dos escritores, trazendo à tona questões que vão além de uma exploração que focalize propriamente a criação literária de cada um deles. No capítulo intitulado “Grafias de coisas, grafias de vidas”, por exemplo, a biografia de Guimarães Rosa, e também a de seu “diário alemão”, são o centro de uma importante discussão que abarca desde a composição literária do autor de Grande Sertão até as questões de direito autoral relacionadas à publicação desse importante documento – diário – não-autorizado pela família do escritor. Trata-se de um capítulo fascinante, sem desmerecimento de todos os outros que compõem este livro.

Arquivos Literários cumpre o importante papel de compilar ensaios que podem ser considerados fundamentais ao pesquisador que se debruça sobre arquivos, especialmente os literários, sem perder de vista as parcelas de responsabilidade e aventura que a pesquisa em fontes primárias nos oferece.

Dados da obra resenhada: MARQUES, R. **Arquivos literários**: teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.



Recebido em 29 de julho de 2016
Aceito em 05 de dezembro de 2016